

Myrsine coriacea (Sw.) R.Br. ex Roem. Schult.

(capororoca, coporoca)

Família: Primulaceae

Sinônimos: *Myrsine capororoca*, *Myrsine flocculosa*, *Rapanea ferruginea*

Endêmica: não⁸

Bioma/Fitofisionomia: Mata Atlântica, Cerrado⁸

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

A capororoca é uma planta que ocorre preferencialmente em encostas e beira de córregos. Sua altura varia de 6 a 20 m, seu tronco é canelado, de casca externa acinzentada, com pequenas escamas. Ela é certamente umas das frutíferas nativas mais importantes, pois é consumida por gralhas, sabiás, jacus, bugios e cerca de 30 outras espécies de pássaros. Como espécie indiferente ao tipo de solo, costuma formar caules subterrâneos horizontais em dunas arenosas. É uma importante pioneira, formadora de florestas diretamente sobre o campo, que merece mais atenção quanto às suas propriedades.

Etnobotânica e Histórico

A madeira da capororoca é leve e de baixa durabilidade quando exposta a chuvas, ventos fortes e muito sol. A madeira é utilizada apenas para obras internas. Na região de Nazaré Paulista, a capororoca foi bastante utilizada como lenha, carvão e para a construção civil.

Usos específicos: produtos madeireiros (esteios, celulose e papel, construção civil, carvão, lenha), produtos não madeireiros (alimentação animal (forragem), alimentação humana, apícola, recurso para fauna, ornamental, farmacêutico ou industrial, substâncias tanantes)^{18,1,3,25,5,9,26,20,27}

Características gerais

Porte: altura 1.0-20.0m DAP 5-60cm^{1,15,9,5,3}

Cor da floração: amarela^{9,5,3,1}

A flor varia de cores de creme a amarelo esverdeada.

Velocidade de desenvolvimento: Rápida^{11,5}

Excelente regeneração natural na vegetação secundária, onde se observa bom crescimento inicial em altura (CARVALHO, 2003). Possui IMA de altura de 0,6 m/ano e IMA de DAP 0,5 m/ano (FERREIRAM et al., 2007).

Persistência foliar: Perenifolia^{1,5,3}

Sistema radicular: Ramificada⁵

Formato da copa: Cônica³

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto^{1,5}

Superfície do tronco: Lisa^{1,2}

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Drupa)^{9,3,10,5,1,11}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: não³

Princípios tóxicos ou alergênicos: não²⁴

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas, Áreas bem drenadas^{22,23,3,18,5}

A maioria das referências consultadas recomenda a espécie para plantio em terrenos secos e nas margens dos rios. No entanto, Carvalho (2003) menciona que a capororoca suporta inundações periódicas de curta duração, bem como o encharcamento.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial^{17,18,15,12,5,3,11,10,19,20,9,1}

Polinizadores: Ventos (CARVALHO, 2003); não especializada (YAMAMOTO et al., 2007).^{14,5}

Período de floração: janeiro a dezembro^{5,9}

Tipo de dispersão: Zoocórica^{1,5,14,10,11,6,5,12}

Agentes dispersores: Aves e macacos.^{4,3,5,1,6,7}

Período de frutificação: janeiro a dezembro^{9,5}

Associação simbiótica com raízes: sim²¹

Fungos micorrízicos arbusculares.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{5,3}

Colher os frutos diretamente da árvore quando maduros, cortando-se os ramos carregados. Em seguida, retirar manualmente os frutos derruçando-se os ramos. Deixar os frutos secar à sombra, não havendo necessidade de despulpá-los. Portanto, os frutos assim obtidos podem ser diretamente utilizados para sementeira como se fossem sementes (LORENZI, 2002). Os frutos devem ser coletados quando mudam de coloração verde para arroxeadas. Devem ser postos em molho em água e, após a maceração, lavados e secos em peneira em ambiente ventilado (CARVALHO, 2003)

Tipo de semente: Ortodoxa^{12,5}

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento, Tratamento térmico, Tratamento químico, Escarificação mecânica, Tratamentos combinados^{13,5,3,12,1}

Possui diversos tratamentos. Sem necessidade de tratamento (LORENZI, 2002). Escarificação mecânica (BACKES; IRGANG, 2004). Imersão em água a temperaturas alternas, sendo 20°C por 12 horas e 30°C por 12 horas (MORI et. al, 2012). Escarificação em ácido sulfúrico, por 5 minutos (CARVALHO, 2003). Colocar em estufa por 12 horas à temperatura de 20°C e 12 horas à temperatura de 30°C (QUEIROZ; FIAMONCIN, 1991).

Produção de mudas: Canteiros^{1,5,3}

Sementeira direta dos frutos com as sementes em canteiros semi-sombreados, após escarificarão. A planta também reproduz-se por estacas (BACKES; IRGANG, 2004). Colocar os frutos para germinação, logo que colhidos, em canteiros semi-sombreados (LORENZI, 2002). A repicagem é recomendada 4 a 8 semanas após a germinação e recomenda-se colocar em sacos plásticos (CARVALHO, 2003).

Tempo de germinação: 30 a 120 dias^{3,5,1}

Taxa de germinação: 33 a 73%^{12,3,5}

Número de sementes por peso: 49500/kg^{5,16,3,12}

Exigência em luminosidade: Exigente em luz^{3,5}

Bibliografia

¹ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

² HOELTGEBAUM, M. P.; QUEIRÓZ, M. H.; REIS, M. S. Relação entre bromélias epifíticas e forófitos em diferentes estádios sucessionais. Rodriguésia, Rio de Janeiro, v. 64, p. 337-347, jun. 2013.

³ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁴ PASCOTTO, M. C. Rapanea ferruginea (Ruiz et Pav.) Mez. (Myrsinaceae) como uma importante fonte alimentar para as aves em uma mata de galeria no interior do Estado de São Paulo. Revista Brasileira de Zoologia, Curitiba, v. 24, p. 735-741, 2007.

⁵ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

⁶ KUHLMANN, M. Adendo alimentar dos bugios. Silvicultura em São Paulo, São Paulo, v. 9, p. 57-62, 1975.

- ⁷ PINESHI, R. B. Aves como dispersores de sete espécies de *Rapanea* (Myrsinaceae) no Maciço de Itatiaia, Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Ararajuba, Rio de Janeiro, v. 1, p. 73-78, ago. 1990.
- ⁸ FREITAS, M. F. Myrsine. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 12 mar. 2013.
- ⁹ JUNG-MENDAÇOLLI, S. L.; BERNACCI, L. C.; FREITAS, M. F. Myrsinaceae. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; MELHEM, T. S.; GIULIETTI, A. M. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: RiMa, 2005. v. 4, p. 81-98.
- ¹⁰ SÃO PAULO (Estado). Resolução SMA-8, de 31 de janeiro de 2008 (ANEXO). Listagem das espécies arbóreas e indicação de sua ocorrência natural nos biomas, ecossistemas e regiões ecológicas no Estado de São Paulo. Disponível em: . Acesso em: 20 jan. 2013.
- ¹¹ FERREIRA, W. C.; BOTELHO, S. A.; DAVIDE, A. C.; FARIA, J. M. R. Avaliação do crescimento do estrato arbóreo de área degradada revegetada à margem do Rio Grande, na Usina Hidrelétrica de Camargos, MG. Revista Árvore, Viçosa, v. 37, p. 177-185, 2007.
- ¹² MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.
- ¹³ QUEIROZ, H. de; FIAMONCINI, D. I. Dormência de sementes de *Rapanea ferruginea* (R. e P.) Mez e *Rapanea umbelata* (Mart. ex A.Dl.) Mez. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE TECNOLOGIA DE SEMENTES FLORESTAIS, 2., 1989, Atibaia. Anais... São Paulo: SEMA/Instituto Florestal, 1991. p. 18.
- ¹⁴ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.
- ¹⁵ OLIVEIRA FILHO, A. T.; BERF E. V. D.; MARTINS, J. C.; VALENTE, A. S. M. V.; PIFANO, D. S.; SANTOS, R. M. dos; MACHADO, E. L. M.; SILVA, A. P. de C. Espécies de ocorrência do domínio atlântico, do cerrado e da caatinga. In: OLIVEIRA FILHO, A. T.; SCOLFORO, J. R. (Ed.). Inventário Florestal de Minas Gerais: Espécies Arbóreas da Flora Nativa. Lavras: UFLA, 2008. cap. 6, p. 421-539.
- ¹⁶ COMPANHIA ELÉTRICA DE SÃO PAULO - CESP. Manual de produção de mudas de essências florestais nativas. São Paulo: Diretoria do Meio Ambiente, 2000. (Série Divulgação e Informação, 244).
- ¹⁷ VACCARO, S.; LONGHI, S. J.; BRENA, D. A. Aspectos da composição florística e categorias sucessionais do estrato arbóreo de três subseres de uma floresta estacional decidual, no Município de Santa Tereza - RS. Ciência Florestal, Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 1-18, 1999.
- ¹⁸ CARPANEZZI, A. A.; CARPANEZZI, O. T. B. Espécies nativas recomendadas para recuperação ambiental no Estado do Paraná: em solos não degradados. Colombo: Embrapa Florestas, 2006. 57 p.
- ¹⁹ RODRIGUES, M. A. Avaliação da chuva e banco de sementes em áreas de restinga, morfoecologia e potencial biótico de espécies ocorrentes nestes locais. 2006. 125 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Rio Claro. 2006.
- ²⁰ ISERNHAGEN, I. A fitossociologia florestal no Paraná e os programas de recuperação de áreas degradadas: uma avaliação. 2001. 134 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2001.
- ²¹ SCABORA, M. H.; MALTONI, K. L.; CASSIOLATO, A. M. R. Associação micorrízica em espécies arbóreas, atividade microbiana e fertilidade do solo em áreas degradadas de cerrado. Ciência Florestal, Santa Maria, v. 21, p. 289-301, 2011.

²² SILVEIRA, C. J. A.; COELHO, A. N.; ROCHA, M. G. B. Nota técnica para o programa de fomento ambiental. Belo Horizonte: Instituto Estadual de Florestas - IEF, 2008.

²³ MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.

²⁴ BIONDI, D.; LEAL, L. Caracterização das plantas produzidas no Horto Municipal da Barreirinha – Curitiba/PR. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Piracicaba, v. 3, n. 2, p. 20-36, jun. 2008.

²⁵ MARQUES, T. P. Subsídios à recuperação de formações florestais ripárias da floresta ombrófila mista do Estado do Paraná, a partir do uso espécies fontes de produtos florestais não-madeiráveis. 2007. 235 f. Dissertação (Mestrado) - Setor de Ciências Agrárias, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007.

²⁶ LEME, M. C. J.; DURIGAN, M. E.; RAMOS, A. Avaliação do potencial forrageiro de espécies florestais. In: SEMINÁRIO SOBRE SISTEMAS AGROFLORESTAIS NA REGIÃO SUL DO BRASIL, 1., 1994, Colombo. Anais... Colombo: EMBRAPA-CNPQ, 1994. p. 147-155. (EMBRAPA-CNPQ. Documentos, 26).

²⁷ SANCHOTENE, M. do C. C. Frutíferas nativas úteis à fauna na arborização urbana. Porto Alegre: Feplani, 1985. 311p.